

NA ESCOLA COMO UM DEVER A CUMPRIR: LIVRE INCURSÃO PELOS MEUS PRIMEIROS ANOS ESCOLARES

Comecei minha aventura escolar aos sete anos completos, nos primeiros meses de 1963¹. Não houve algo prévio. Tinha acabado de mudar de residência: deixava nosso sítio, nosso ambiente rural, ia habitar o espaço urbano do município de Rio Bom, Paraná. Meu pai deve ter feito um grande esforço financeiro, pois nossa residência ficava em lugar bem localizado da cidade. De casa, dava para ver o “bar do ponto”, lugar central onde estacionava o ônibus que nos ligava ao resto do mundo. Rio Bom sempre teve vocação para uma cidade de pequeníssimo porte.

Lembro-me de que frequentava a escola como quem fazia qualquer outro trabalho imposto a uma criança daquele contexto. Não importava o resultado alcançado; o determinante era estar em sala de aula, ser obediente à professora. Importava o aspecto moral de aprender a ter responsabilidades e de garantir presença em sala de aula. Não me lembro de ter pedido ajuda ou de ter sido auxiliado em casa, ou de ter sido indagado por meus pais sobre rendimento escolar. Isso era assunto de responsabilidade exclusiva da escola. Meus pais depositavam absoluta confiança na seriedade das profissionais de ensino e apostavam no senso de dever de seus filhos.

Eventualmente, vinha para conhecimento das famílias apenas os comportamentos considerados exageradamente fora da conduta correta. Havia *bullying* na escola. Eu mesmo não me lembro de ter sofrido algo marcante, mas vi crianças, como Ana, receber sobrenome desagradabilíssimo, por não progredir nas atividades para sair das “bolinhas” e das vogais. Na família, ficou sempre na lembrança uma arguição desabonadora de uma das professoras mais temidas: – Sabe isso? Resposta da criança: – Não. Sabe isso? Resposta: – Não. E isso? – Não! –Ah, menininha.

¹ Estudei no Grupo Escolar Dr. Reboças, um edifício típico construído todo em madeira. Possuía várias salas de aula e um excelente espaço livre para o momento do recreio dos estudantes. Na grande ocupação das escolas do Paraná pelos estudantes, ao longo de 2016, os alunos do atual Colégio Estadual Dr. Reboças, de ensino fundamental e médio, embora não tenham ocupado literalmente a escola, fizeram atos de apoio ao movimento estudantil estadual.

Eu tinha temor especial à inesperada “revista”. Servia para conferir, um por um, uma por uma, se havia sujeira instalada atrás de nossas orelhas, no cotovelo, se as unhas estavam aparadas e limpas, se o uniforme estava em condições de uso. Esse ponto era dramático, porque não tínhamos água encanada na cidade. Preparar água de poço para um banho de chuveiro era algo considerado bastante trabalhoso. Muitas vezes, exausto, eu só conseguia lavar os pés, antes de ir para a cama.

Também havia, de surpresa, o dia das vacinas no Grupo Escolar Dr. Rebouças. O efeito surpresa nos incomodava a todos. Talvez esse fosse o impacto maior do que a dor física provocada no braço. Sitiados na sala de aula, sentíamos-nos como animais domésticos acuados para receber algo necessário do ponto de vista dos senhores. Na escola, também parecia prevalecer o mote que circulava em casa: “criança não tem querer”.

No meu tempo extraclasse, num primeiro momento, quase nada havia conectado ao mundo escolar. Devo ter feito o mínimo das tarefas para casa, talvez nos horários menos nobres para mim. Em minha residência, não me lembro de ter um lugar reservado para estudo, ou uma estante onde ficassem os materiais de uso escolar. A conexão começou a ficar interessante quando me tornei iniciado na leitura dos gibis. Lia tudo o que estava ao meu alcance. Aquelas aventuras ajudavam-me a evadir daquele pequeno mundo. Havia uma solidariedade grande entre os jovens leitores. Lembro-me de que ficava ansioso enquanto aguardava a leitura dos colegas, até chegar minha vez. Através do domínio da leitura, também me tornei, por algum tempo, coroinha da igreja local. Graças a isso, testemunhei os últimos tempos da celebração das missas em latim e da primeira saudação a decorar: *Dominus vobiscum!*

Penso que, entre meus professores da alfabetização até a quarta série, havia entre eles os que eram leigos. Contudo, tal assunto não entrava em pauta. A escola existia ali, as professoras e professores disponíveis eram aqueles, não me lembro de ter ouvido qualquer questionamento depreciativo desse tipo, naqueles tempos.

Não sei dizer se entrava em questão gostar ou não da escola. Eu aprendi a assumi-la como uma obrigação a mais. Depois, aproveitava com deleite meu tempo livre pelos quintais. Costumava sair em grupo, mas apreciava, do mesmo modo, meus momentos de andanças solitárias. Lembro-me, ternamente, dos dias claros, do vento, dos pássaros, das cigarras; lembro-me dos estilingues, da bola de gude, das frutas, especialmente do abacateiro que havia no fundo do nosso quintal. Lembro-me dos caquis manteiga e café,

lembro-me das goiabas, das mangas, das laranjas e tangerinas; da gabioba, do araticum, da melancia que brotava espontaneamente nas roças de arroz, milho e feijão. Lembro-me do pomar de meu avô, dos pés de figo, do pé de cidra, dos doces excelentes que rendiam.

Aprendi a ler e a escrever através da famosa cartilha da Eva, do vovô e da uva. Não me lembro de ter tido, pessoalmente, algum destaque na escola. Ainda assim, devia ser um aluno dentro dos padrões da época, pois não me lembro de muitos conflitos em sala de aula. Dominar, ou seja, decorar a tabuada era questão de honra para a escola. Saí do primário com isso resolvido para o presente e para o futuro. Apenas uma vez, fui promovido internamente da turma C para a turma B. Eu mesmo não havia notado em mim algum avanço expressivo que justificasse aquela inesperada deferência e mudança de posição na sala de aula. Aquilo, para mim, não passava de coisas típicas dos adultos.

Outra vez, ao convocar uma das professoras para ver a tarefa que eu acabara de realizar em sala, eu a chamei de mãe. Isso esclarece o clima de sala de aula nessa primeira fase, mesmo que fosse exigente, comportava também um sentimento espontâneo de carinho de minha parte em direção à mestra.

Lembro-me de uma vez em que me cansei de fazer transcrição, da lousa para o caderno. Decidi, por conta própria, decorar diretamente o assunto, enquanto os outros copiavam. Quando a professora me viu de braços cruzados, veio para o acerto de contas. Não importava, naquele tempo, consultar o aluno para entender seus propósitos. A professora J., conhecida pelo aumentativo, alta e magra, simplesmente se aproximou com sua imensa régua de madeira. Atingiu-me na cabeça, de leve, apenas simbolicamente, para eu me dar conta das obrigações a cumprir.

Havia uma tarefa, nessa primeira fase do ensino, que eu apreciava bastante: era a de o aluno descrever uma determinada paisagem do livro, com suas palavras. Gostava da liberdade de poder começar a descrição livremente, de concentrar-me nos detalhes e particularidades. Essa é a única tarefa escolar que me lembro de ter feito com prazer. Mas devia gostar de ser surpreendido pelo texto. Olhando para minha experiência primária, tantas décadas depois, vejo que minha inteligência era predominantemente visual, guiada por uma cartilha que valorizava imagens. Por sorte, havia uva onde morava, e eu conhecia o trabalhador que trazia esse fruto de sua propriedade para vender na cidade. Ainda me provoca água na boca a evocação daqueles cachos escuros, do fruto miúdo e doce, orgânicos. As lições da cartilha, por mais simples ou ingênuas que elas fossem, falavam de

animais domésticos que tinham nome, falavam de plantas e pássaros, com suas imagens e cores vivas. Elas traduziam, na medida do possível, um tipo de relação que as crianças mantinham com o mundo vivo, o que tinha muito a ver com o universo rural ou das pequenas cidades do país.

Lembro-me de uma bela lição: aparecia a figura de um idoso, com seu macacão para trabalhos manuais. Havia acabado de plantar uma muda de araucária, árvore bastante comum na região Sul, hoje ameaçada de extinção. No texto abaixo da gravura, o garoto que o assistiu encerrar a tarefa, ironizou o feito: a óbvia impossibilidade de o idoso sobreviver para aproveitar dos primeiros frutos daquela araucária, ainda mirim. Jamais me esqueci daquela lição de generosidade dos mais velhos; era apenas um presente para a geração futura. Aliás, meus pais tiveram poucos anos de estudo, mas estavam unidos, convictos da valorização da formação escolar de seus filhos.

Na prática, a atividade escolar estava organicamente vinculada ao universo do catolicismo romanizado. Lembro-me de que o professor E. incentivava seus alunos a se concentrarem nas aulas de Matemática, oferecendo-lhes, nos últimos minutos da aula, o deleite da leitura de algumas passagens do livro “Na escola de Jesus”. Era interessante porque, no livro ilustrado, havia aquelas narrativas célebres, antecedidas pela apresentação de uma pintura clássica sobre o tema: Abel e Caim; o roubo da uva, evocação de Santo Agostinho; o anjo da guarda e o demônio²; Daniel na cova dos leões; a Samaritana à beira do poço de Jacó, em diálogo com o Mestre, com seus olhos azuis.

Ainda através do vínculo escola pública e Igreja católica, recordo-me de um verso marcante, em uma cartilha na qual estudei: “Jesus Cristo foi um artista profundo, com três pregos e um madeiro fez a reforma do mundo”. Depois, uma frase inesquecível, de cunho cientificista: “A vida é um conjunto de princípios que resistem à morte”. Muito tempo depois, em minhas pesquisas acadêmicas, encontrei a frase e seu autor, Xavier Bichat, em “O Nascimento da Clínica”, de Michel Foucault, e em “A lógica da vida”, de François Jacob. Não saberia dizer por que o tema permaneceu em minha memória por tanto tempo. Talvez a pista tenha sido um velório de uma criança, a que assisti naquela fase de minha vida em Rio Bom. Fiquei impressionado com aquela morte fora de lugar, sem chances de verter aquilo em palavras. Guardara comigo as sensações visíveis daquele dia ensolarado, mas frio e estranho para um coração infantil.

² Na ilustração do catecismo, o demônio é retratado de cor preta.

O professor E. ainda nos ofereceu uma alegoria, num dos retornos de aula. Algo difícil de esquecer, pelo poder que ela sugeria como opção de vida. O caso era de um homem que saiu pelo mundo com sua cruz. De tanto carregá-la, cansou-se. Estafado, decidiu diminuir o peso a carregar. No caso, optou por serrar um pedaço do madeiro para alcançar maior desempenho. Seguiu, até onde pôde. No fim da jornada, porém, tempo de completar seu destino, deparou-se com um desfiladeiro a vencer. Foi surpreendido pelo fato de que não atingiria a meta, uma vez que era humanamente impossível improvisar a travessia com os recursos de seu tempo. A cruz inteira seria o único meio disponível, naquela altura do caminho, para completar a travessia de vida de um homem, na qual vencia a resignação.

O professor E. tinha uma fala mansa, uma dicção perfeita. Jamais me esqueci, desde a primeira vez, por onde circulava a diferença entre os sinais de adição, de subtração e de igualdade. Ele contava o caso de três engraxates: um deles teve um bom faturamento no dia; o outro nada conseguiu e estava em débito com a pomada de engraxar; o terceiro não devia a pomada e ficou igual ao modo como chegou.

Eu era um menino miúdo e ativo. Considero que tinha um mundo interior rico, que não conseguia expressar na escola ou na Igreja, talvez por minha timidez. Ainda assim, nossa relação com o saber era vista sempre derivada, sempre a de supor o que os adultos manifestavam nos espaços especializados para isso. Dentro e fora desses espaços, nem sempre isso era edificante.

Tinha muita dificuldade, até mesmo para traduzir, em palavras, os meus pecados perante o padre, no confessionário. Talvez esta seja uma das maiores dificuldades de uma criança, diante do mundo e da lógica dos adultos: sentir-se razoavelmente segura para encontrar meios com vistas a verbalizar suas dúvidas, suas apostas. Minha maior proximidade era com meus irmãos e irmãs. Convivi com outras crianças, mas não tive amizades marcantes para além do âmbito de minha família.

Venho de uma família em que, enquanto irmãos, gostávamos de partilhar nossa disposição aguçada para odores, cores, aspectos auditivos e de toques. Comemorávamos a floração do cafezal, com seu olor incisivo e inebriante, com a coloração extensa das suas flores brancas, em contrastes com o verde escuro das folhas. Particularmente, apreciava ouvir a brisa balançar o milharal, especialmente em período de preparo para a maturação das espigas. Era como se ouvisse, através das incontáveis folhas se tocando, mil vozes de

uma natureza viva, uma tranquila conversação, dali para sempre, à espera de um expectador relaxado. Em nossa propriedade rural, havia uma enorme peroba, que fora preservada das grandes derrubadas. Por meio do apego a ela, não apenas de minha parte mas da parte dos meus irmãos e irmãs, manifestávamos uma vinculação profunda com a força e a beleza da natureza.

Ficávamos, da mesma forma, comovidos com o perfume das pétalas de rosa e de folhas verdes que nossa mãe espalhava pela casa, como trilhas para simbolizar a passagem do Ressuscitado entre nós, nas madrugadas da Aleluia. Do mesmo modo, na passagem da noite de Natal, dormíamos com grande expectativa: o menino Jesus deixaria, atrás da porta, alguns brindes para os pequenos. Podia ser uma garrafa de guaraná, um calçado. O certo era que não ficaríamos na mão.

Minha mãe tinha uma vivência cristã intensa; o município era marcado pelo calendário católico e suas manifestações públicas: o presépio, o tapete do *Corpus Christi*, a procissão dos ramos, o dia de finados, as celebrações da Paixão de Cristo. As procissões noturnas, bastante concorridas, eram a demonstração da força da paróquia local.

Em casa, o rádio era de extrema importância na vida de meu pai. Ele gostava de ouvi-lo bem alto, de tal modo que era necessário aceitar seus gostos. Oscilavam entre futebol, notícias do “repórter Esso”, previsão do tempo, piadas e assuntos diversos. Meu pai ouvia preferencialmente as rádios do Rio de Janeiro. Talvez influenciada pelo rádio, minha família participou de um acontecimento inusitado: meus pais abdicaram de suas alianças para participar do movimento “dei ouro para o bem do Brasil”. Eu mesmo, com meus oito ou nove anos, achei feias as alianças de latão, enviadas como retribuição ao investimento dos meus pais.

Muito tempo depois, acertando as contas do passado, entendi que as pessoas simples entraram naquele jogo dos poderosos meios de comunicação da época. Consta que não houve, posteriormente, uma prestação de contas a respeito daquele ouro suado, daqueles recursos pecuniários cedidos por trabalhadores que não tinham poupança. A população não foi devidamente respeitada no chamado esforço civil e militar para livrar o país da corrupção que, para os incautos, precisava ser tocado em frente pelas forças armadas.

Gilberto Dimenstein e Rubens Alves (2003), em suas experiências escolares, mais precavidos, sentiam-se como sobreviventes numa sala de aula desinteressante. Pelo que

relataram, certamente deviam isso às oportunidades vividas em seus contextos de vida, aos enraizamentos culturais e ao engajamento de seus familiares. Isso, para mim, foi bem mais difícil. Meu pai não participava de um sindicato rural digno deste nome, apesar de cumprir com suas obrigações trabalhistas como pequeno proprietário rural. O que nos mantinha, nesse tempo, um pouco mais informados a respeito do que ocorria nos espaços urbanos mais desenvolvidos eram nossas raízes e contatos em Itajubá, Minas Gerais, especialmente onde habitavam os familiares de minha mãe.

Com o olhar de hoje, décadas depois, minha busca pelo saber, pelo conhecimento, foi derivada de uma curiosidade de origem camponesa e do ambiente familiar que, de modo simples e contínuo, instigou nossa sensibilidade com um patrimônio cultural memorável. Revejo a perplexidade da trilha de folhas verdes e de pétalas de rosa espalhadas pelos espaços principais da nossa residência. Sem muitas palavras, era a apresentação comovente do Ressuscitado, como sinal aberto de vida e libertação, num contraste ao Cristo crucificado e aos apelos à resignação. Os humildes presentes colocados atrás da porta, trazidos na calada da noite pelo Menino Jesus, enchiam nossos corações de expectativas e especulações. O dentinho de leite depositado durante o dia em lugar combinado, ao amanhecer do dia seguinte saíria de cena, por uma mão invisível, para dar lugar a alguns trocados, como um brinde à criança que estava em fase de mudanças.

A nossa participação infantil nos dilemas da vida doméstica nos deixava, ainda pequenos, por dentro das dificuldades financeiras e no sentido da cooperação, para que a casa, como um todo, se mantivesse coesa, apesar de todos os tempos ruins. Quem depende da produção agrícola sabe muito bem como isso ocorre, especialmente em um contexto para o qual a rede de assistência pública é praticamente inexistente e os trabalhadores têm a sensação de depender dos próprios esforços e do tempo favorável oferecido pelos ciclos fecundos da natureza. Certamente, a escola, com todas as suas limitações, era o lugar mais visível para alargar horizontes naquele pequeno mundo de crianças e jovens.

Referências

DIMENSTEIN, G. e ALVES, R. **Fomos maus alunos**. Campinas, Papirus, 2003.

Luiz Gonzaga Gonçalves
Universidade Federal da Paraíba

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. 5. ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária. 1998.

JACOB, François. **A lógica da vida**: uma história da hereditariedade. 2. ed. Rio de Janeiro. Graal. 1983.

NA ESCOLA DE JESUS: **o catecismo de Pio X**, explicado por 178 imagens artísticas, São Paulo, Paulinas, sd.

Luiz Gonzaga Gonçalves

Professor do Departamento de Fundamentação da Educação, do Centro de Educação da UFPB. Doutor em Educação, participa da linha de pesquisa Educação Popular, do PPGE – UFPB. Integra o Fórum EJA da Paraíba. As experiências narradas no artigo vão de 1963 a 1967.

E-mail: luggoncalves@uol.com.br

Recebido em: 30/09/2016

Aprovado em: 18/11/2016